

Estrutura de Posse e Demografia Escrava em Porto Feliz (São Paulo, 1798-1843)

Roberto Guedes
Doutor em História pela UFRJ e Professor
do Departamento de História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO/Niterói)

Introdução

Mediante análise serial de listas nominativas de habitantes, o trabalho analisa a estrutura de posse e a demografia escrava na vila de Porto Feliz, São Paulo, durante a primeira metade do século XIX. A freguesia de Ararituaba (posterior Porto Feliz) fazia parte da vila de Itu, que no século XVII era um ponto de passagem importante na rota que ligava São Paulo a áreas de apresamento de indígenas¹. Em inícios do século XVIII, com a descoberta de minas em Coxipó-Mirim e Cuiabá, Itu/Ararituaba se tornou fundamental na rota fluvial das monções, dela partindo as embarcações até as áreas mineradoras. Criou-se uma estrutura agrária em Itu/Ararituaba voltada ao abastecimento das expedições, principalmente de milho e feijão². Entre finais do século XVIII e meados do XIX, acompanhando o desenvolvimento da atividade canavieira no Oeste Paulista³, Porto Feliz se tornou um dos municípios do “Quadrilátero do Açúcar”, área compreendida entre Sorocaba, Piracicaba, Mogi Mirim e Jundiaí⁴.

População Escrava: reprodução natural e tráfico

No desenrolar da atividade açucareira na primeira metade do século XIX, período aqui abordado, a população escrava tendeu ao crescimento, com oscilações de ritmo⁵ (quadro 1).

¹ John Manuel Monteiro. *Negros da Terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp. 17-98.

² Sérgio Buarque de Holanda. *Monções*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990; Silvana Alves de Godoy. *Itu e Ararituaba na Rota das Monções (1718 a 1838)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da UNICAMP, 2002, pp. 120-161.

³ As vilas do Oeste, no século XVII, eram Itu e Jundiaí, respectivamente fundadas em 1654 e 1655. Como ênfase ao período até meados do XIX, considero “oeste paulista” as vilas criadas até 1850, a saber: Itu, Jundiaí, Mogi-Mirim, Campinas, Capivari, Piracicaba, Franca, Tietê, Batatais, Rio Claro, Limeira. Cf. Maria Luíza Marcílio. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)*. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 140.

⁴ Maria Thereza S. Petrone. *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, pp. 8, 47.

⁵ As oscilações de ritmo se devem principalmente a fatores locais. Na fase de montagem dos engenhos, entre 1798 e 1808, o crescimento foi constante, recaindo em 1810. Refluxo que se deve à uma agitação escrava ocorrida em Porto Feliz e Itu em 1809-1810, colaborando para fazer baixar o contingente cativo. Mais importante, 1810 também foi um ano em que geou em Porto Feliz, o que sugere uma redução no acesso a escravos em um ano de má colheita, bem como uma elevação da mortalidade. A tendência de crescimento é retomada entre 1813 e 1818, e revertida de 1818 para 1820, mas as listas não incluem a freguesia de Piracicaba no último ano. Em 1824, esta freguesia foi desmembrada e dos 3.689 cativos de Porto Feliz do ano de 1818, 1.050 (28,4%) estavam nela e apenas um senhor de engenho constava em 1824. Por estes motivos, a população refluíu entre 1818 e 1824. No geral, a população cresceu durante a década de 1820. Relacionando o ano de 1829 ao de 1820, houve um aumento, em números absolutos, de 1.631 escravos, 49,5%. Em 1836, os cativos seriam 4.171, redução derivada do desmembramento de Capivari em 1832. Por fim, a população escrava praticamente permaneceu estável entre 1836 e 1843, apesar do desmembramento de Pirapora em 1842.

Quadro 1: População Escrava de Porto Feliz (1798-1843)⁶

Ano	1798	1803	1805	1808	1810	1813	1815	1818	1820	1824	1829	1836	1843
Escravos	1.443	1.913	2.053	2.290	2.172	2.402	2.782	3.689	3.294	3.226	4.928	4.171	4.122

Nos anos de 1820, 1824, 1829 e 1843, as listas não incluem a freguesia de Piracicaba.

Fonte para 1836, Daniel Pedro Müller. *Ensaio d'um quadro estatístico da província de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado, Coleção Paulística, vol. 11, 1978, P. 140.

Para se ter uma idéia do desenvolvimento da escravaria em Porto Feliz, a comparação com o município de Campinas é elucidativa. Nesta vila, a população cativa cresceu 5% ao ano entre 1801 e 1829, tendo 4.800 escravos em 1829⁷. Neste mesmo ano de 1829, o contingente cativo em Porto Feliz era um pouco maior, mas o ritmo de crescimento foi diferente. Entre 1798 e 1818, o crescimento médio anual foi de 4,8%, quase igual ao de Campinas entre 1801 e 1829⁸.

Assim, durante a primeira metade do século XIX, a população escrava de Porto Feliz cresceu muito, absorvendo cativos do tráfico atlântico⁹. Em várias partes do Brasil de outrora, o tráfico foi a fonte maior de reprodução física da escravidão. Sendo seletivo, no que toca às estruturas sexual e etária dos traficados, quanto mais africanos desembarcavam, mais acentuados eram os desequilíbrios demográficos. A vila de Porto Feliz, ainda que distante do porto carioca, era extremamente vinculada a ele, já que grande parte dos escravos que comprava vinha da Corte do Rio de Janeiro¹⁰. A par de variações, o desenvolver da população escrava na vila acompanhou a tendência de crescimento de desembarques de africanos no porto do Rio de Janeiro, principalmente a partir de 1810 (gráfico 1).

⁶ Todos os quadros foram elaborados com base nas Listas Nominativas de Porto Feliz (LNPF) para os anos de 1798, 1803, 1805, 1808, 1810, 1813, 1815, 1818, 1820, 1824, 1829 e 1843, arquivadas no Arquivo do Estado de São Paulo (AESP). Referências adicionais serão citadas.

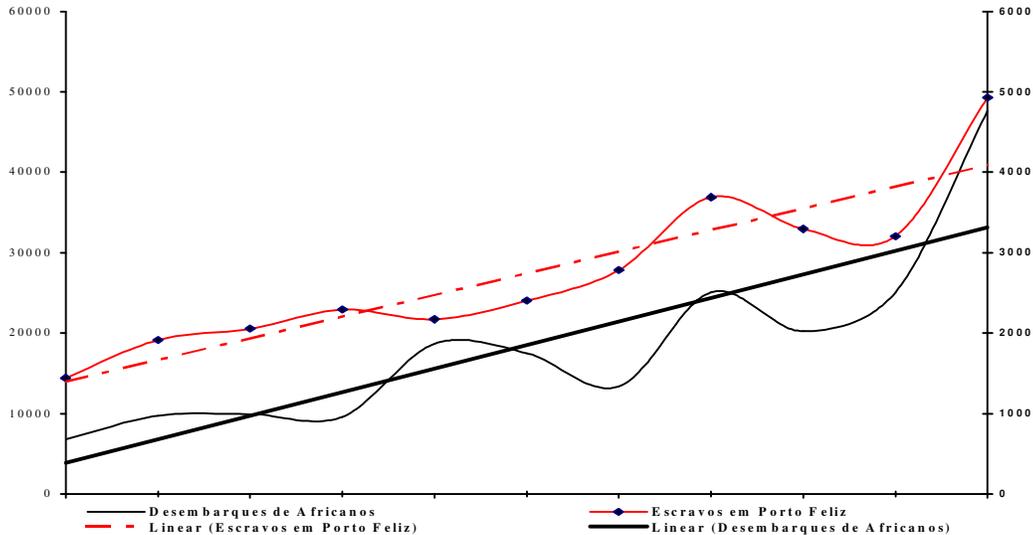
⁷ Robert Slenes. Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, pp. 70-71.

⁸ Desagregando os dados, nota-se que o crescimento foi de 9,9% ao ano entre 1815 e 1818 e de 2,7%, entre 1818 e 1829. No período global, entre 1798 e 1843, a população escrava aumentou 2,7% ao ano, em média.

⁹ Segundo as estimativas de Florentino, entre 1790 e 1808, vigência do período de estabilidade dos desembarques de cativos africanos no porto carioca, o crescimento médio anual foi de 0,35%. Entre 1809 e 1830, ocorreu um período global de expansão do tráfico, subdividido em dois blocos. Entre 1809 e 1825, o crescimento médio anual foi de 2,4% e, entre 1826 e 1830, de 4,5%. Manolo Florentino. *Em costas negras*, pp. 51-59. Entre 1831 e 1835, cerca de 57.800 cativos africanos aportaram no Rio, 11.560 por ano. Finalmente, de 900 a 950 mil cativos chegaram na Corte entre 1800 e 1851. Destes, 285.714 vieram entre 1844 e 1850, 40.816 por ano. Cf. Mary Karasch. *Slave Life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Princeton: Princeton University Press, 1987, pp 29-30; David Eltis. "The nineteenth-century transatlantic slave trade: an annual series of imports into the Americas broken down by region". In *Hispanic American Historical Review*, 1987, n^o 67, vol 1, pp. 114-115.

¹⁰ Roberto Guedes Ferreira. *Pardos: trabalho, família, aliança e mobilidade social*. Porto Feliz, São Paulo, c.1798 - c.1850. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, 2005, cap I.

Gráfico 1 - Desembarques de Escravos Africanos no Porto do Rio de Janeiro e População Escrava em Porto Feliz (1798-1829)



Fontes: LNPF e Manolo Florentino. *Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro. Séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995, p. 59.

O gráfico 1 demonstra que, apesar da tendência de crescimento, em certos momentos as oscilações foram inversas ou em ritmos distintos. Por exemplo, entre 1808 e 1813, o contingente africano diminuiu na vila, mas a população escrava se manteve estável. Outro exemplo é que, de 1810 a 1818, a população aumentou e o tráfico oscilou (gráfico 1 e quadros 1 e 5). Há duas possibilidades. A primeira é a de que a importação de africanos não cessou tanto quando o tráfico refluíu, e a segunda seria uma reprodução natural, é óbvio que não o suficiente para repor a população, mas para manter os crioulos em 42%, entre os adultos, até 1818 (quadro 7). Destarte, se de um lado o aumento da população escrava se deve basicamente à importação de africanos, de outro a participação crioula é significativa.

O tema da reprodução natural da população cativa recebe ênfases distintas. Pesquisas indicam variações locais e temporais. Francisco Luna e Herbert Klein destacam que, no século XVIII, a escravaria da capitania paulista era majoritariamente formada por nascidos no Brasil, apresentando taxas positivas de crescimento natural. No século XIX, o desenvolvimento da população foi fundamentalmente baseado na imigração forçada de africanos. Por isto, do último quartel do século XVIII até fins dos anos de 1840, a presença de africanos foi crescendo entre a escravaria, até constituir-se em força de trabalho dominante. No século XIX, a taxa de reprodução natural era negativa por causa do volume e da seletividade do tráfico atlântico, com predomínio de homens. Ademais, a população escrava tinha baixas taxas de fecundidade (relação entre crianças de 0 a 4 anos e mulheres de 15 a 44 anos), o que se agravou no decorrer do tempo. Nas áreas açucareiras do Oeste Paulista¹¹,

¹¹ As áreas açucareiras da capitania incluem Campinas, Guaratinguetá, Porto Feliz, Itu, Jundiá, Mogi das Cruzes, Pindamonhangaba, São Sebastião e Sorocaba. Os municípios analisados do Oeste Paulista são Itu/Capivari, Jundiá e Mogi Mirim. Cf. Francisco V. Luna e Herbert Klein. *Slavery and the economy of São Paulo (1750-1850)*. Stanford: Stanford University Press, 2003, pp 29,228.

este processo era mais intenso do que no conjunto da capitania, e os africanos constituiriam 2/3 dos escravos em 1836.¹²

Por seu turno, Maurício Alves reconhece o papel do tráfico de escravos para a reprodução da população escrava, mas destaca a ampla participação de crioulos na vila de Taubaté e as possibilidades de crescimento endógeno, sobretudo nas unidades com mais de dez cativos. Nas três primeiras décadas do século XIX, o contingente de crioulos supera o de africanos. A entrada destes entre os anos de 1805 e 1829 apenas manteve “a presença de africanos entre 38 e 45% dos cativos com quinze anos ou mais”. Além disto, as taxas de fecundidade nas escravarias com mais de dez escravos se aproximam das taxas da população livre, e tanto maior a escravaria, mais próxima dos livres. A presença de crianças se associa à elevada proporção de cativos nascidos em Taubaté, indicando uma forte reprodução endógena. Assim, apesar da alta participação de adultos nos momentos de expansão econômica, o que significa que a proporção de crianças era incapaz de repor geracionalmente a escravaria, houve “um crescimento endógeno significativo na reposição da população cativa”¹³.

Em Porto Feliz, no período global situado entre 1798 e 1843, a maior presença africana entre os adultos constata que a população escrava se reproduziu basicamente por importação de cativos. Porém, ao que tudo indica, a vila ensaiou um crescimento natural no início do século XIX, processo interrompido com a atividade açucareira, como afirmaram Luna e Klein. Por isso, até 1818 a presença de crioulos no município era expressiva, ainda que não como em Taubaté. Comparando ambas as vilas, nota-se que o crescimento da população africana segue ritmo similar, isto é, era mais presente no início, sofreu um refluxo e se recupera em seguida. A diferença é que, em Porto Feliz, a assiduidade de africanos era mais intensa, atingindo metade da população cativa em 1824, ao passo que Taubaté só o realizou depois, em 1835, pois, em 1829, cerca de 2/3 dos cativos ainda eram crioulos¹⁴. O diferencial reside na maior absorção de africanos em Porto Feliz devido à lavoura canavieira.

Por outro lado, o contingente africano em Porto Feliz está aquém do de Campinas, talvez a vila com maior proporção de escravos estrangeiros na capitania paulista da primeira metade do século XIX¹⁵. Em Campinas, ainda em 1801, os africanos eram 70,1% entre os escravos com mais de 15 anos¹⁶. Em

¹² Francisco V. Luna e Herbert Klein. *Slavery and the economy of São Paulo (1750-1850)*, pp. 133-141.

¹³ Maurício Martins Alves. *Formas de viver: formação de laços parentais entre cativos em Taubaté (1680-1848)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, 2001, pp. 189-194.

¹⁴ Maurício Martins Alves. *Formas de viver*, pp. 169,181.

¹⁵ Campinas parece ter tido a maior população africana no Oeste Paulista. Itú só apresentará predominância de africanos em 1829. Entre os de naturalidade conhecida, 2.009 (55,6%) eram africanos e 1.603 (44,4%) crioulos. Francisco V Luna e Herbert Klein. “Escravos e senhores no Brasil no início do século XIX: São Paulo em 1829”. In *Estudos Econômicos*. São Paulo, FEA/USP, 1990, 20 (3), p. 355. Em Jundiá, os africanos também só atingem o índice de 63% do total em 1829. Francisco V Luna e Herbert Klein, *Slavery and the economy of São Paulo (1750-1850)*, p. 44. Infelizmente, não é possível saber o percentual entre os adultos nestas áreas. Seja como for, tudo indica que Campinas se antecipou a um processo que se concretiza em outras áreas do Oeste Paulista a partir de meados dos anos 30 do século XIX. Para outros locais da capitania/província, ver José Flávio Motta. *Corpos escravos, vontades livres: posse de escravos e família escrava em Bananal*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1999, pp.133-134; Jonas Santos. “Senhores e escravos: a estrutura da posse de escravos em Mogi Cruzes no início do século XIX”. In *Estudos de História*. Franca: UNESP, 2002, 9 (2), p. 242.

¹⁶ Robert Slenes. *Na senzala, uma flor*, p. 71.

Porto Feliz, os crioulos eram 42% entre os cativos adultos em 1818, e os africanos só são maioria, na escravaria como um todo, em 1829 (quadros 5 e 7).

Sintetizando, durante as primeiras décadas do século XIX, Porto Feliz se situa entre Campinas e Taubaté, no que tange à presença de africanos adultos na escravaria e, por conseguinte, na absorção de cativos vindos de além-mar. Por outro parte, segue a tendência da capitania paulista como um todo, isto é, um ensaio de crescimento natural interrompido pelo tráfico¹⁷. Resta saber quem comprava escravos na vila e como isto alterou a demografia cativa.

Estrutura de Posse

A importação de escravos variou conforme o tamanho das escravarias¹⁸, entendidas como o número de escravos de um senhor e/ou presente nos fogos. Os escravistas são aqui divididos entre pequenos (até dez escravos), médios (entre 11 e 20) e grandes (com mais de 21). O quadro 2 evidencia que pequenos senhores sempre formaram a esmagadora maioria dos escravistas, flutuando entre 59,9% a 76,9%, mas não detiveram mais de 38,3% dos escravos, chegando a possuir parques 14,8% em 1829. Sua presença oscilou. Até 1815, nunca foram menos de 71,9% dos proprietários e, entre 1820 e 1829, diminuíram sua participação, declinando em termos absolutos, tendência revertida em 1843. A parcela de escravos possuídos diminui quase constantemente até 1829. Contudo, sempre foram a maioria dos senhores (quadro 2).

¹⁷ Sobre reprodução natural em outros locais, cf. Horácio Gutiérrez. "Demografia escrava numa economia não-exportadora: Paraná, 1800-1830" In Estudos Econômicos. São Paulo: IPE/USP, 1987, 17 (2); João Fragoso e Manolo Florentino. "Marcelino, filho de Inocência crioula, neto de Joana Cabinda: um estudo sobre as famílias escravas em Paraíba do Sul". In Estudos Econômicos. São Paulo: IPE/USP, 1987, 17(2). Minas Gerais é talvez o caso mais debatido. Há os que destacam a reprodução natural. Francisco V Luna e Wilson Cano. "A reprodução natural de escravos em Minas Gerais (século XIX): hipótese". In Cadernos do ICHF. Campinas: UNICAMP, n. 8, 1993; Douglas C Libby. "Demografia e Escravidão", In Revista de História. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto. Deptº de História, 1992; e Clotilde Paiva e Douglas Libby. "Caminhos alternativos: escravidão e reprodução em Minas Gerais do século XIX". In Estudos Econômicos. São Paulo: IPE/USP, 1995, 25 (2). Por outro lado, Roberto Martins ressaltava que Minas era importador líquido de escravos no século XIX, portanto, que o tráfico foi primordial para a reprodução da população escrava. Roberto Borges Martins. "Minas Gerais, Século XIX: Tráfico e Apego à Escravidão numa Economia Não-Exportadora Martins". In Estudos Econômicos. São Paulo: IPE/USP, 1983, 13 (1). Laird Bergad critica a idéia de que Minas Gerais do século XIX importava quantidade significativa de cativos, sustentando que a reprodução era fundamentalmente natural, invertendo a tendência do século XVIII, quando a capitania importava escravos. Laird Bergad W. Escravidão e História Econômica: demografia de Minas Gerais, 1720-1880. Bauru, SP: EDUSC, 2004. Assim, o caso mineiro seria o inverso do paulista, pois esta última área teria importado escravos no século XIX e se baseado na reprodução natural no século XVIII. Porém, sem ter o tema da reprodução escrava como objeto, João Fragoso e Roberto Guedes demonstram que, nas primeiras décadas do século XIX, Minas Gerais era a área do Sudeste que mais importava cativos africanos que passavam pela Corte do Rio de Janeiro, o que sugere estar correta a tese de Roberto Martins. Cf. João Fragoso e Roberto Guedes Ferreira. "Alegrias e artimanhas de uma fonte seriada. Os códices 390, 421, 424 e 425: despachos de escravos e passaportes da Intendência de Polícia da Corte, 1819-1833", In: Botelho, Tarciso Rodrigues et. all. (Orgs.). História quantitativa e serial no Brasil: um balanço. Goiânia: ANPUH-MG, 2001-2002.

¹⁸ Sobre estrutura de posse, um bom balanço se encontra em José Flávio Motta, Corpos escravos, vontades livres, cap. 2. O autor enfatiza a pulverização da propriedade escrava e não mais um quadro formado por grandes escravarias. No mesmo sentido, dentre outros, cf. Stuart Schwartz. Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, cap. 16; Renato Leite Marcondes. "A propriedade escrava no vale do Paraíba Paulista durante a década de 1870" In Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002, n. 29.

Quadro 2 - Estrutura de Posse de Escravos (1798-1843)

Ano	Escravarias												TS	TE
	1 a 10				11 a 20				Mais 21					
	Senhores		Escravos		Senhores		Escravos		Senhores		Escravos			
#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	#	
1798	147	75,8	552	38,3	31	16,0	439	30,4	16	8,2	452	31,3	194	1443
1803	191	75,8	683	35,7	41	16,3	598	31,3	20	7,9	632	33,0	252	1913
1805	176	72,4	667	32,5	43	17,7	620	30,2	24	9,9	767	37,3	243	2053
1808	192	71,9	706	30,8	43	16,1	613	26,8	32	12,0	971	42,4	267	2290
1810	203	74,9	707	32,6	42	15,5	640	29,5	26	9,6	825	37,9	271	2172
1813	227	76,9	849	35,3	37	12,5	548	22,8	31	10,6	1005	41,9	295	2402
1815	245	74,2	912	32,8	49	14,8	695	25,0	36	11,0	1175	42,2	330	2782
1818	268	70,7	978	26,5	55	14,5	821	22,3	56	14,8	1890	51,2	379	3689
1820	213	67,8	799	24,3	49	15,6	730	22,2	52	16,6	1765	53,5	314	3294
1824	196	67,1	763	23,7	39	13,4	602	18,7	57	19,5	1861	57,6	292	3226
1829	208	59,9	730	14,8	48	13,8	749	15,2	91	26,3	3449	70,0	347	4928
1843	231	68,5	937	22,7	41	12,2	619	15,0	65	19,3	2566	62,3	337	4122

TS = Total de Senhores; TE = Total de Escravos.

Os médios senhores formaram o grupo mais estável no que concerne à assiduidade, ao redor de 12,2% e 17,7%, sem oscilações muito fortes e com um pequeno pendor de queda, mas perderam escravos de forma rápida. Como os pequenos senhores, os médios contraíram sua parcela em cativos ao longo do período, mormente a partir de 1813 e 1824. Possuíam 31,3% dos escravos em 1803 e 15% em 1829 e 1843. Este percentual de declínio se aproxima do dos pequenos senhores no período global.

No conjunto, até 1815, médios e pequenos senhores não eram menos de 85% dos proprietários e possuíam mais da metade da escravaria, chegando a reter 68,7% no primeiro ano da amostragem, mas a partir de 1818 os cativos passam a viver majoritariamente nas grandes escravarias. Em 1798, os grandes senhores eram 8,2% do total e tinham 31,3% da escravaria da vila, mas, em 1829, os percentuais são, respectivamente, de 26,3% e 70%. Ainda em 1843, eram 19,3% dos proprietários com 62,3% da escravaria. Portanto, ao mesmo tempo em que os senhores de até 20 cativos assistiram à redução de seu peso, em assiduidade e em posse de escravos, o oposto ocorreu entre os grandes. Isto significa que a concentração da propriedade escrava se exacerbou durante o desenvolvimento do sistema agrário da primeira metade do século XIX. Mas, seria errôneo supor que a participação cada vez mais intensa de grandes senhores se fez em detrimento da de pequenos e médios escravistas. O fato é que os maiores senhores se expandiram mais, pelo menos até 1818, quando está incluída a importante freguesia de Piracicaba. Como se vê, em números absolutos, pequenos e médios senhores quase dobraram sua participação entre 1798 e 1818, ao passo que os grandes mais que triplicam. Em 1820 e 1824, a presença de todos decresce, efeito do desmembramento de Piracicaba. De 1824 a 1836, crescimento mais exacerbado dos grandes senhores volta a ocorrer, o que só se inverte em 1843 provavelmente por causa dos desmembramentos das freguesias de Capivari em 1832 e de Pirapora em 1842.

Na verdade, o aumento mais amplo da participação dos grandes senhores e a concomitante concentração da propriedade escrava se devem à atividade açucareira, embora a maior parte dos escravistas não empregasse seus escravos neste setor (quadro 3).

Quadro 3 – Mão-de-obra escrava em fogos produtores e não produtores de cana (1798-1843)

Ano	Fogos com cana				Fogos sem cana				Total	
	#	%	TE	%TE	#	%	TE	%TE	Fogos	escravos
1798	92	47,7	1.042	72,2	101	52,3	401	27,8	193	1.443
1803	84	33,1	1.192	62,3	170	66,9	721	37,7	254	1.913
1805	89	36,5	1.271	62,3	155	63,5	768	37,7	244	2.039
1808	81	29,7	1.450	63,3	192	70,3	840	36,7	273	2.290
1810	71	26,1	1.308	60,7	201	73,9	847	39,3	272	2.155
1813	68	23,1	1.367	56,9	227	76,9	1.035	43,1	295	2.402
1815	97	30,1	1.805	65,9	225	69,9	934	34,1	322	2.739
1818	149	38,3	2.629	71,6	240	61,7	1.045	28,4	389	3.674
1820	116	36,6	2.343	72,0	201	63,4	909	28,0	317	3.252
1824	110	38,6	2.492	77,5	175	61,4	725	22,5	285	3.217
1829	135	38,7	3.851	79,0	214	61,3	1.023	21,0	349	4.874
1843	91	26,8	2.790	67,7	248	73,2	1.332	32,3	339	4.122

TE = Total de Escravos Exclui casos de número de escravos e/ou produções ilegíveis.

Produtores de cana são senhores de engenho, engenheiros e plantadores de cana de partido.

Na capitania como um todo, houve o acirramento da concentração da propriedade escrava a partir de 1815, inclusive entre os senhores de engenho, já que a média de escravos aumentou entre eles¹⁹. Porto Feliz seguiu este processo e fogos com menos de 20 cativos foram diminuindo entre os que se dedicaram à lavoura açucareira, principalmente a partir de 1824. Assim, pequenos e médios produtores de cana eram 80% em 1798 e continuaram majoritários até 1820, mas a partir de 1824 foram reduzindo sua participação e possuindo cada vez menos escravos (quadro 4). Logo, é provável que a lavoura canavieira tenha se elitizado em Porto Feliz, por causa do fator trabalho. Se, inicialmente (até cerca de 1813-15), foi possível a pequenos escravistas ingressar na lavoura canavieira, a média de escravos crescente dos produtores de cana indica que, a partir de 1824, não mais foi tão facilmente acessível a pequenos escravistas o ingresso ou a permanência na atividade, como se deu na capitania/província.²⁰

Quadro 4 - Estrutura de Posse de Escravos entre Produtores de Açúcar Porto Feliz (1798-1843)

Ano	Entre 1 e 10				Entre 11 e 20				Mais de 20				TS	TE	ME
	Senhores		Escravos		Senhores		Escravos		Senhores		Escravos				
#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
1798	53	57,6	253	24,2	23	25,0	340	32,5	16	17,4	454	43,4	92	1.047	11,4
1803	39	47,6	207	17,4	23	28,0	353	29,6	20	24,4	632	53,0	82	1.192	14,5
1805	36	42,9	208	16,4	28	33,3	414	32,6	20	23,8	649	51,1	84	1.271	15,1
1808	25	31,3	172	11,9	26	32,5	382	26,3	29	36,3	896	61,8	80	1.450	18,1
1810	20	29,0	132	10,1	25	36,2	406	31,0	24	34,8	770	58,9	69	1.308	19,0
1813	17	25,0	121	8,8	24	35,3	373	27,3	27	39,7	873	63,9	68	1.367	20,1
1815	27	28,7	175	9,7	33	35,1	481	26,6	34	36,2	1149	63,7	94	1.805	19,2
1818	49	34,5	275	10,5	41	28,9	622	23,7	52	36,6	1732	65,9	142	2.629	18,5
1820	32	28,3	226	9,6	37	32,7	576	24,6	44	38,9	1541	65,8	113	2.343	20,7
1824	24	21,8	176	7,1	31	28,2	494	19,8	55	50,0	1822	73,1	110	2.492	22,7
1829	16	12,0	90	2,3	34	25,6	538	14,0	83	62,4	3223	83,7	133	3.851	29,0
1843	10	11,4	61	2,2	18	20,5	291	10,4	61	68,2	2438	87,4	88	2.790	31,7

TE = Total de Escravos; TS = Total de Senhores. ME = Média de escravos

Exclui casos ilegíveis e com margem a dúvidas. A partir de 1820, Piracicaba está ausente.

¹⁹ Francisco Luna e Herbert Klein. Slavery and the economy of São Paulo (1750-1850), pp. 33,48.

²⁰ Francisco Luna e Herbert Klein. Slavery and the economy of São Paulo (1750-1850), pp. 123-127.

Em suma, considerando todos, produtores e não produtores de cana (quadro 2), nota-se que a estrutura de posse sofreu mudanças no período 1815-1820, solidificadas a partir de 1824. Ademais, os resultados sublinham que a posse de escravos era centralizada, mas com significativa participação de pequenos e médios escravistas. Os pequenos senhores jamais deixaram de ser a maioria, demonstrando que a aquisição de mão-de-obra cativa era, até certo ponto, facilitada, enquanto durou o tráfico atlântico. Neste sentido, a propriedade escrava era ao mesmo tempo concentrada e disseminada²¹. Desconsiderando o ano de 1836, a cujas listas nominativas, na íntegra, não foi possível ter acesso, nunca menos de 27,2% dos fogos tinham escravos, sendo que o índice atingiu 37,5% em 1798 – estes números não estão em quadros. Num período global de expansão das atividades açucareira e de produção de alimentos, pequenos, médios e grandes senhores freqüentaram o mercado atlântico de escravos, principalmente os últimos.

Apesar deste acesso relativamente facilitado à propriedade escrava, concomitante e paradoxalmente, ao longo do período, ampliou-se a proporção de fogos sem escravos, uma vez que, em 1843, 72,5% estavam nesta situação e 62,5% em 1798, uma redução de 10,0%. A expansão da atividade econômica, acompanhada da tendência de crescimento da população escrava, não apenas intensificou a concentração da propriedade escrava, mas também diminuiu o acesso a ela, proporcionalmente²².

Demografia Escrava

Alterações na Naturalidade Escrava

Antes de demonstrar as mudanças na naturalidade, ressalvas são necessárias. Em Porto Feliz, a cor não é o melhor critério para caracterizar a origem. Nas listas nominativas, os termos preto e negro eram utilizados para africanos e para escravos nascidos no Brasil (os crioulos). O termo preferencial é negro, comumente referido apenas com a letra **n**, ao passo que pardo é **p** e, exclusivamente para livres, brancos, letra **b**. Mas, em certas companhias ou freguesias, em alguns anos, pardo cede a mulato, letra **m**, e negro, a preto, **p**. Outras vezes, escreve-se *Pard* ou *Pret*. Como preto era usado para africanos e crioulos, não designava naturalidade. Os crioulos eram descritos como tais e, para os africanos, a identificação era feita pela menção à origem: angola, guiné, rebole, dentre outras.

Sublinhe-se que há inconstância no registro da informação sobre naturalidade. À medida que o tráfico crescia, era menos caracterizada. Excetuando 1798 e 1843, que quase não contemplam dados sobre origem, em 1803, 79 (4,1%) escravos não tinham naturalidade conhecida, 181 (7,9%) em 1808, 194 (8,9%) em 1810, 323 (13,4%) em 1813, 458 (16,4%) em 1815, 645 (17,5%) em 1818, 764 (23,2%) em 1820, e 1.145 (23,2%) em 1829. Levando-se em conta somente os dois últimos anos, para 1820 o que incide sobre o subregistro não é a prioridade da informação em uma faixa de posse, mas a idiosincrasia de quem fazia o registro, uma vez que, por exemplo, inexistem dados para a freguesia de Araraquara. Para 1829, ao contrário, menor a escravaria, maior a desinformação. Dos 1.145 sem naturalidade registrada, 261 estavam em escravarias com até dez escravos, o que significa ausência de informação

²¹ João Fragoso e Manolo Florentino. O arcaísmo como projeto. Mercado Atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro, c. 1790 – c. 1840. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993, pp. 38-48; Stuart Schwartz. Segredos Internos, cap. 16.

²² Pesquisa em andamento analisa se esta redução deriva de imigração e/ou de elevação do preço de escravos.

para 35,8% dos escravos desta faixa de posse. Respectivamente, 237 (31,6%) para os escravos de médios senhores e 647 (18,8%) para os de grandes propriedades. Estando a maior parte dos escravos nas grandes propriedades, a análise não fica comprometida. Ainda sobre 1829, 1.076 (94%) dos 1.145 escravos sem naturalidade conhecida tinham mais de 11 anos de idade, o que torna a amostragem mais confiável para os abaixo desta idade. Provavelmente, boa parcela dos primeiros era composta por africanos.

Outro problema para o período posterior a 1820-1824 é a maneira como, em certas ocasiões, foram registradas as procedências ou naturalidades. Quem elaborava as listas mencionava que determinado escravo era angola, congo, crioulo e, principalmente, guiné ou gentio, e repetia a origem-naturalidade para os escravos seguintes do mesmo fogo, usando a palavra *dito* em sua forma abreviada, *d^o*. A impressão que fica é a de desconhecimento da origem africana e/ou de má vontade em registrá-la. Isto se nota principalmente nas maiores escravarias, o que enviesaria os dados, mas outros aspectos, como o desequilíbrio sexual em prol dos homens e o alto percentual de adultos, não deixam dúvidas de que a maioria dos escravos das unidades em questão era de origem africana, embora não os tenha considerado para efeito de cálculo. Assim, a presença africana está subestimada em 1829. Toda esta ressalva é para destacar que não almejo exatidão nos números, somente perceber tendências.

Passando agora à análise da naturalidade (quadro 5), constata-se que, até 1820, prevaleceram cativos crioulos na vila, mas com diferenças entre as faixas de posse. Os pequenos senhores, em geral, tinham as menores taxas de africanos, que só ultrapassaram os nascidos no Brasil em 1829; entre os médios escravistas, os africanos excedem os crioulos em 1824 e, entre os grandes, desde 1818. De 1815 a 1820, reduz-se em todas as faixas de posse a participação de crioulos, em relação ao período anterior, mas ainda eram maioria no total da vila. O ano de 1829 é de ruptura e exacerba a marca africana em todas as posses, quando, até entre pequenos escravistas, os africanos estavam mais assíduos que crioulos.

Quadro 5 - Naturalidade (Africana ou Crioula) por Faixa de Posse (1798-1829)

Ano	Pequenas				Médias				Grandes				Total			
	Africanos		Crioulos													
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
1803	246	38,9	387	61,1	217	38,1	352	61,9	318	50,3	314	49,7	781	42,6	1053	57,4
1805	212	37,3	356	62,7	220	43,2	289	56,8	356	50,2	353	49,8	853	44,1	1082	55,9
1808	203	34,5	386	65,5	213	37,3	358	62,7	446	47,0	503	53,0	862	40,9	1247	59,1
1810	184	29,4	442	70,6	215	37,9	352	62,1	296	26,4	827	73,6	695	35,1	1283	64,9
1813	191	28,1	489	71,9	190	40,8	276	59,2	327	35,0	606	65,0	708	34,1	1371	65,9
1815	264	37,7	436	62,3	242	48,8	254	51,2	521	46,2	606	53,8	1027	44,2	1296	55,8
1818	240	32,4	500	67,6	318	45,4	382	54,6	820	53,4	716	46,6	1446	47,5	1598	52,5
1820	228	37,1	386	62,9	252	48,1	272	51,9	732	52,5	662	47,5	1212	47,9	1320	52,1
1824	216	44,4	271	55,6	238	57,6	175	42,4	644	50,9	622	49,1	1098	50,7	1068	49,3
1829	244	52,0	225	48,0	345	67,4	167	32,6	2165	77,3	636	22,7	2754	72,8	1028	27,2

Exclui os de naturalidade desconhecida.

Não há informação sobre naturalidade para 1798 e quase não consta para 1843. Para o ano de 1843 se encontra em análise.

No cômputo global, em todo o período, Porto Feliz recorreu ao mercado de escravos de modo amplo, mas, durante a fase inicial, até 1808, a proporção de africanos era impulsionada principalmente por grandes senhores, com maiores percentuais de cativos desta naturalidade. Como estes proprietários eram minoria entre os senhores e não concentravam a maior parcela dos escravos, prevaleciam os crioulos na população escrava em sua totalidade. Entre 1815 e 1820, os crioulos, ainda majoritários, começaram a assistir à redução de sua

presença, uma vez que, com a expansão do sistema agrário e a concomitante exacerbação da concentração da propriedade escrava, os senhores, principalmente os grandes, freqüentaram com mais força o mercado de escravos africanos.

Pelo exposto, o perfil da naturalidade escrava em Porto Feliz até 1815-1818 dependeu mais dos pequenos e médios senhores do que dos grandes. A segunda metade da década de dez assistiu a mudanças, consolidadas em 1824-1829. Como se viu, nestes mesmos subperíodos, também ocorreram as alterações na estrutura de posse. Em função disto, a partir de agora a análise será feita em anos representativos. Para perceber as tendências, divido o período global em três anos. O ano de 1805 é o de predomínio de crioulos e de pequenos e médios senhores; o de 1818 representa a fase de mudança; e o de 1829 é o de consolidação da concentração da propriedade escrava e da presença africana.

Crianças, Adultos e Idosos

O quadro 6 elucida que houve tendência decrescente na presença de crianças²³, mas, ainda que não chegassem aos 30%, a freqüência maior de crianças no início indica dois aspectos. O primeiro é o de ter ocorrido uma reprodução natural significativa, ao menos na fase inicial, embora não o bastante para repor a população escrava. O segundo seria a antigüidade das unidades, sobretudo das pequenas e médias escravarias, predominantes na vila.

Quadro 6 – Faixa Etária por Posse de Escravos (1805, 1818, 1829)

Ano de 1805							
Faixas Etárias	Crianças		Adultos		Idosos		Total
	#	%	#	%	#	%	
Escravarias							
Grande	199	26.5	494	65.7	59	7.8	752
Média	184	30.1	356	58.2	72	11.8	612
Pequena	189	28.7	412	62.6	57	8.7	658
Total	572	28.3	1.262	62.4	188	9.3	2.022
Ano de 1818							
Faixas Etárias	Crianças		Adultos		Idosos		Total
	#	%	#	%	#	%	
Escravarias							
Grande	444	23.5	1.300	68.9	144	7.6	1888
Média	199	24.2	561	68.3	61	7.4	821
Pequena	253	25.9	639	65.3	86	8.8	978
Total	896	24.3	2.500	67.8	291	7.9	3.687
Ano de 1829							
Faixas Etárias	Crianças		Adultos		Idosos		Total
	#	%	#	%	#	%	
Escravarias							
Grande	772	22.4	2.441	70.9	230	6.7	3.443
Média	177	23.6	525	70.1	47	6.3	749
Pequena	189	25.9	495	67.8	46	6.3	730
Total	1.138	23.1	3.461	70.3	323	6.6	4.922

Crianças (0 a 14 anos) Adultos (15 a 45 anos) Idosos (46 anos ou mais) Exclui idades ilegíveis.

²³ Stuart Schwartz caracterizou crianças, adultos e idosos dentre os que estavam entre 0 e 13 anos, 14 e 50 anos e mais de 50 anos, respectivamente; Stuart Schwartz. Segredos Internos, p. 288. Motta adota os mesmos parâmetros; José Flávio Motta. Corpos escravos, vontades livres. pp. 130, 133, 135, 230. Góes e Florentino reduzem para 41 anos a idade inicial dos idosos. José Roberto Góes e Manolo Florentino. A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico. Rio de Janeiro, 1790-1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. Sheila Faria situou entre as crianças os que tinham menos de 13 anos, porque era a partir desta idade que os cativos passavam a ser cobrados no trabalho, cf. Sheila de Castro Faria. A colônia em movimento. Fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp. 299,352. Adoto aqui a idade de 14 anos como o último ano da infância, e de 46 como o primeiro da velhice. Adultos são os situados entre 15 e 45 anos. No entanto, se o desempenho de uma tarefa puder ser um critério para caracterizar as faixas etárias, note-se que, na Corte do Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX, os cativos entre 41 e 50 anos estavam, em sua maioria, associados a uma ocupação. Em inventários que informaram ocupação, entre 1801 e 1844, havia 101 cativos nesta faixa etária, dos quais 83% ainda trabalhavam. Dos 149 que estavam acima de 50 anos, 70,4% trabalhavam. Por outro lado, das 159 crianças entre sete e 14 anos, 56,6% tinham alguma ocupação. Destas, 48,8% eram aprendizes. Mas, ao que parece, a naturalidade influenciava a idade inicial de ingresso na fase produtiva. Entre 58 africanos de sete a 14 anos, 74,1% trabalhavam, dos quais 32,6% eram aprendizes. Entre os 101 crioulos na mesma faixa etária, 46,5% tinham ocupação. Entre estes, 63,8% eram aprendizes. Enfim, ainda que africanos e crioulos entrassem no mundo do trabalho na mesma faixa etária, os primeiros o faziam com mais freqüência. Portanto, os crioulos tinham maiores chances de ter uma "infância" mais prolongada; cf, Roberto Guedes Ferreira. Na pia batismal: família e compadrio entre escravos na freguesia de São José no Rio de Janeiro (1802-1821). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFF, 2000.

Porto Feliz era de ocupação relativamente antiga, constando nas listas nominativas de Itu, como freguesia de Araritaguaba, desde 1767²⁴. Daí, a marca expressiva de crianças ainda em 1805, o que foi alterado pelo tráfico. Um exemplo é o plantel de Salvador Martins Bonilha, que durou de 1798 e 1820, 22 anos. Em 1798, tinha 40 escravos, sendo oito crianças. Em 1803, 42 e nove, respectivamente; em 1805, 47 e 12; em 1808, 52 e oito; em 1810, 50 e oito; em 1813, 36 e oito; em 1815, 39 e dois; em 1818, 32 e quatro; em 1820, 45 e quatro. Entre os cativos de Salvador, a assiduidade de crianças foi relativamente estável até 1813²⁵. A partir de 1815, começa a decair. As mudanças da faixa de posse e do perfil etário foram feitas com a incorporação de africanos, predominante entre os adultos. Por outro lado, no início do processo produtivo, as crianças podiam ser até ausentes. Salvador Martins Bonilha – homônimo do anterior²⁶ – em 1824 tinha dez escravos e nenhuma criança e, em 1829, respectivamente, 40 e três.

Estes casos demonstram que a montagem e/ou a reprodução dos engenhos alterou a estrutura etária da vila em seu conjunto. Porto Feliz, uma antiga freguesia de Itu, contou, inicialmente, com uma proporção maior de crioulos e crianças. A partir de 1815, as mudanças ocasionadas pelo tráfico modificaram o perfil da escravaria.

Em números absolutos (quadro 6), o acréscimo do contingente de crianças, de 1818 para 1829, também se deve ao tráfico, uma vez que não poucos cativos com até 14 anos de idade eram africanos, mormente os que tinham mais de dez anos. Em 1829, dos 1.138 com menos de 15 anos, 137 não têm naturalidade conhecida e, agregando aos crioulos todos os 77 menores de *cinco anos*²⁷, também sem naturalidade descrita, os cativos nascidos no Brasil são 569 (50%). Os demais 432 (37,9%) vieram da África. Entre os de origem sabida, os africanos alcançam 43,1%. O acréscimo de crianças, em números absolutos, em 1829, não deriva da reprodução natural. Estes novos escravos foram absorvidos principalmente pelos grandes senhores, já que em suas propriedades as crianças crioulas estavam presentes em índices menores do que nas demais escravarias (quadro 7).

²⁴ Ano 1767. Lista Nominativa de Itu, AESP.

²⁵ Ano 1798, 1ª Companhia (Cia.), fogo (f.) 79; 1803, 1ª Cia., f. 115; 1805, 1ª Cia., f. 55; 1808 1ª Cia., f. 142; 1810, 1ª Cia., f. 129; 1813, 1ª Cia., f. 114; 1815, 1ª Cia., f. 56; 1818, 5ª Cia., f. 77; 1820, 5ª Cia., f. 15. LNPF, AESP.

²⁶ Ano 1824, 1ª Cia., f. 12; 1829, 7ª Cia., Capivari, f. 216. LNPF, AESP.

²⁷ Considerando que o tráfico trazia poucas crianças nesta faixa etária.

Quadro 7 - Faixas Etárias, Naturalidade e Escravidão. Porto Feliz (1805-1829)

1805																				
Grandes						Médias					Pequenas					Total				
Naturalidade	Ni	Africanos		Crioulos		Ni	Africanos		Crioulos		Ni	Africanos		Crioulos		Ni	Africanos		Crioulos	
Faixa Etária	#	#	%	#	%	#	#	%	#	%	#	#	%	#	%	#	#	%	#	%
Crianças	8	34	17,8	157	82,2	10	20	11,5	154	88,5	24	16	9,7	149	90,3	42	70	13,2	460	86,8
Adultos	5	310	63,4	179	36,6	16	193	56,8	147	43,2	37	175	46,7	200	53,3	58	678	56,3	526	43,7
Idosos		35	59,3	24	40,7	5	38	56,7	29	43,3	6	29	56,9	22	43,1	11	102	57,6	75	42,4
Total	16	379	50,5	372	49,5	34	253	43,2	333	56,8	68	221	37,0	377	63,0	118	853	44,1	1.082	55,9
1818																				
Grandes						Médias					Pequenas					Total				
Naturalidade	Ni	Africanos		Crioulos		Ni	Africanos		Crioulos		Ni	Africanos		Crioulos		Ni	Africanos		Crioulos	
Faixa Etária	#	#	%	#	%	#	#	%	#	%	#	#	%	#	%	#	#	%	#	%
Crianças	71	82	22,0	291	78,0	18	33	18,2	148	81,8	77	20	11,4	156	88,6	166	135	18,5	595	81,5
Adultos	259	676	64,8	367	35,2	85	272	57,1	204	42,9	136	221	43,9	282	56,1	480	1.169	57,8	853	42,2
Idosos	22	85	69,7	37	30,3	4	31	54,4	26	45,6	20	26	39,4	40	60,6	46	142	58,0	103	42,0
Total	331	843	54,8	695	45,2	103	336	47,1	378	52,9	211	267	35,8	478	64,2	645	1.446	48,2	1.551	51,8
1829																				
Grandes						Médias					Pequenas					Total				
Naturalidade	Ni	Africanos		Crioulos		Ni	Africanos		Crioulos		Ni	Africanos		Crioulos		Ni	Africanos		Crioulos	
Faixa Etária	#	#	%	#	%	#	#	%	#	%	#	#	%	#	%	#	#	%	#	%
Crianças	99	342	50,8	331	49,2	47	55	42,3	75	57,7	68	35	28,9	86	71,1	214	432	46,8	492	53,2
Adultos	525	1.688	88,1	228	11,9	181	270	78,5	74	21,5	195	190	63,3	110	36,7	901	2.148	83,9	412	16,1
Idosos	65	133	80,6	32	19,4	21	20	76,9	6	23,1	20	19	73,1	7	26,9	106	172	79,3	45	20,7
Total	647	2.165	78,5	593	21,5	237	345	69,0	155	31,0	261	244	54,6	203	45,4	1.145	2.754	74,3	951	25,7

Ni = Não informa a naturalidade.

% = Percentual entre os de naturalidade conhecida.

Associando faixa etária e naturalidade, vê-se no quadro 7 que, no geral, os africanos eram maioria entre idosos e adultos em todos os períodos, mas os índices se elevam sobremaneira em 1829. Para os idosos, a amplitude de africanos se assemelha à dos adultos, no sentido de um acirramento em sua assiduidade no último momento. Entre as crianças, como era de se esperar, a prevalência de crioulos é marcante, embora os africanos mais que quintuplicam sua marca, em números absolutos, no passar do tempo, devido principalmente ao contingente de crianças africanas nas grandes escravarias em 1829 (quadro 7).

Contudo, apesar da africanização das escravarias, até 1818 era considerável o número de crioulos entre os adultos. Se sua presença nesta faixa etária for um indicador de reprodução natural da população escrava, os dados sugerem que houve uma ligeira reprodução natural entre pequenos e médios senhores até 1818 (quadros 6 e 7). Estas escravarias eram as menos africanizadas, principalmente as pequenas. Foram elas que basicamente sustentaram a participação de crioulos adultos, em torno de 42%, até 1818. Como observei antes, a vila de Porto Feliz tinha muitos crioulos, se comparada a Campinas, onde os africanos eram 70% entre os que tinham mais de 15 anos, em 1801²⁸.

Estes números indicam a possibilidade de reprodução natural, variável por escravaria. Entre os pequenos senhores, a frequência de crioulos adultos até aumenta entre 1805 e 1818 e quase se manteve a mesma nas médias propriedades. Até 1818, juntas, tinham mais crioulos adultos do que os grandes senhores (quadros 6 e 7). Como concentravam a maioria dos escravos até 1815, grande parte da preponderância de crioulos no conjunto da escravaria da vila se deu por causa das pequenas e médias escravarias. Sendo a presença de crianças também um pouco mais constante nestas duas menores propriedades, a maior incidência de crioulos adultos deve resultar da reprodução natural.

É evidente que tudo isto não era bastava para manter a população escrava, sequer para reproduzi-la no ritmo ditado pela expansão das atividades agrárias. Com a mudança no perfil de posse e na naturalidade na segunda metade da década de 1810, a população só cresceria, dentre outros aspectos, com equilíbrio sexual na escravaria, mas não foi isto que ocorreu.

Homens e Mulheres

A demanda dos engenhos tornou a população predominantemente masculina²⁹. Nunca menos de 62,0% do total de cativos eram homens, em Porto Feliz, atingindo

²⁸ Robert Slenes. Na senzala, uma flor, p. 71.

²⁹ Os motivos da predominância de homens no tráfico encontram explicações divergentes. Para Herbert Klein, as mulheres faziam as mesmas tarefas que os homens nas lavouras americanas, mas elas eram altamente valorizadas na África e no Oriente, devido ao seu potencial produtivo, reprodutivo e simbólico. Eram utilizadas como mão-de-obra, além de fundamentais para o estabelecimento de *status* e de alianças, o que elevou o seu valor na África e restringiu sua oferta no mercado atlântico, onde os homens eram preferencialmente oferecidos. Herbert Klein. "Economic aspects of the eighteenth-century Atlantic slave trade", In James Tracy. *The rise of merchant empires*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, pp. 295-297. Vertente distinta é apresentada por Manolo Florentino, ao argumentar que, se o preço dos cativos fosse condicionado pela oferta africana, as mulheres seriam mais caras que os homens no mercado brasileiro, o que não ocorreu, já que africanos eram mais caros que africanas e crioulos mais que crioulas, ou seja, os homens eram mais caros que as mulheres. Manolo Florentino. *Em costas negras*, p. 68. Calçado em outras bases, sobretudo na indiferença de preços por gênero no Brasil, Klein, em co-autoria com Luna, reitera a idéia de que a oferta tem primazia sobre a demanda. Em suas palavras: "Foram as condições da oferta, ao invés da preferência dos senhores de engenho por si, que determinaram a dominância de escravos africanos sobre crioulos". No original: "It was thus supply conditions, rather than the preferences of the senhores de engenho per se, which determined the dominance of African over

67,7% em 1829 (quadro 8). O impacto do tráfico foi tão grande que a vila, apesar de distante do porto carioca, tinha percentuais de homens próximos aos do meio agrário fluminense, onde, entre 1790 e 1830, os homens eram cerca de 67%³⁰. O desequilíbrio sexual, evidentemente, variava por escravaria, faixa etária e naturalidade. No que concerne à faixa de posse, em todos os anos e em todas as unidades, havia mais homens que mulheres, com tendência a aumentar, até 1829. O índice de homens girava ao redor de 69% nas médias e nas grandes escravarias e era bem menor nas pequenas propriedades (quadro 8).

Quadro 8: Estrutura Sexual por Escravaria (1805-1829)

Ano	1805							
Escravaria	Grande		Média		Pequena		Total	
Sexo	#	%	#	%	#	%	#	%
Feminino	238	31.4	232	37.5	306	45.9	776	38.0
Masculino	520	68.6	386	62.5	360	54.1	1.266	62.0
Total	758	100.0	618	100.0	666	100.0	2.042	100.0
Ano	1818							
Escravaria	Grande		Média		Pequena		Total	
Sexo	#	%	#	%	#	%	#	%
Feminino	583	30.8	257	31.3	415	42.4	1.255	34.0
Masculino	1.307	69.2	564	68.7	563	57.6	2.434	66.0
Total	1.890	100.0	821	100.0	978	100.0	3.689	100.0
Ano	1829							
Escravaria	Grande		Média		Pequena		Total	
Sexo	#	%	#	%	#	%	#	%
Feminino	1051	30.5	227	30.3	312	42.7	1.590	32.3
Masculino	2397	69.5	522	69.7	418	57.3	3.337	67.7
Total	3448	100.0	749	100.0	730	100.0	4.927	100.0

Exclui escravos de sexo ilegível.

De acordo com a faixa etária, entre os adultos os desequilíbrios sexuais eram elevadíssimos, sobretudo nas duas maiores faixas de tamanho, onde os homens sempre eram mais de 68%. As proporções de idosos seguem de perto ou superam as dos adultos nestas escravarias. Nas pequenas posses, vigiam os menores desequilíbrios sexuais entre adultos e idosos. Entre as crianças, os desajustes sexuais eram menores em todas as propriedades, próximo a 55% em todo o período (quadro 9).

creole slaves". Francisco Luna e Herbert Klein, *Slavery and the economy of São Paulo (1750-1850)*, p. 48. A tradução é minha. Evidente que o crescimento natural da escravaria não atendeu à demanda de mão-de-obra dos senhores de engenho de Porto Feliz, mas parece que para Luna e Klein foi o continente africano que fez perdurar, não só a estrutura da demografia cativa, mas a própria escravidão, já que, sem tráfico, a população escrava não se reproduziria.

³⁰ José Roberto Góes. *Escravos da paciência. Estudo sobre a obediência escrava no Rio de Janeiro (1790-1850)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFF, 1998, p. 161.

Quadro 9 - Sexo dos Cativos por Faixa Etária e Escravidão Porto Feliz (1805-1829)

1805												
Faixa Etária	Criança			Adulto			Idoso			Total		
Sexo	F	M	M	F	M	M	F	M	M	F	M	M
Escravidão	#	#	%	#	#	%	#	#	%	#	#	%
Grande	87	109	55.6	123	366	74.8	17	42	71.2	227	517	69.5
Média	90	93	50.8	111	245	68.8	26	46	63.9	227	384	62.8
Pequena	88	101	53.4	186	226	54.9	24	33	57.9	298	360	54.7
Total	2.65	303	53.3	420	837	66.6	67	121	64.4	752	1.261	62.6
1818												
Faixa Etária	Criança			Adulto			Idoso			Total		
Sexo	F	M	M	F	M	M	F	M	M	F	M	M
Escravidão	#	#	%	#	#	%	#	#	%	#	#	%
Grande	213	231	52.0	332	968	74.5	38	106	73.6	583	1.305	69.1
Média	103	96	48.2	140	421	75.0	14	47	77.0	257	564	68.7
Pequena	114	139	54.9	268	371	58.1	33	53	61.6	415	563	57.6
Total	430	466	52.0	740	1.760	70.4	85	206	70.8	1.255	2.432	66.0
1829												
Faixa Etária	Criança			Adulto			Idoso			Total		
Sexo	F	M	M	F	M	M	F	M	M	F	M	M
Escravidão	#	#	%	#	#	%	#	#	%	#	#	%
Grande	351	421	54.5	654	1.787	73.2	45	185	80.4	1.050	2.393	69.5
Média	73	104	58.8	139	386	73.5	15	32	68.1	227	522	69.7
Pequena	94	95	50.3	201	294	59.4	17	29	63.0	312	418	57.3
Total	518	620	54.5	994	2.467	71.3	77	246	76.2	1.589	3.333	67.7

M = Escravos de Sexo Masculino F = Escravos de Sexo Feminino M% = Percentual de homens.
Exclui escravos com idades ilegíveis.

O desequilíbrio sexual por naturalidade se evidencia nos quadros 10 e 11. Enquanto entre os africanos, nunca menos de 74,2% do total eram homens, entre os crioulos quase não havia desequilíbrio sexual, salvo os idosos, em 1829, mas em poucos números absolutos. Entre os africanos, os de sexo masculino prevaleciam em todas as faixas etárias, com maiores índices entre os idosos. Este desequilíbrio sexual não dependeu tanto da faixa de posse. Nas duas maiores propriedades, em todo o período, os índices de homens entre os adultos africanos oscilaram entre 76% e 87,2%, e eram apenas um pouco menores entre os pequenos senhores, em torno de 70%. No conjunto da população, entre os de naturalidade conhecida, os africanos predominaram entre os homens com mais de 14 anos. Adultos e idosos africanos de sexo masculino somavam 631 escravos em 1805, o que corresponde a 68,6% dos homens, enquanto os crioulos eram 288 (31,4%). Em 1818, africanos e crioulos com mais de 14 anos eram, respectivamente, 1.075 (67,9%) e 508 (32,1%) e, em 1829, 1.767 (87,8%) e 245 (12,2%)³¹. A maioria dos homens era de origem africana.

Em síntese, a africanização das escravarias gerou ou acirrou os desequilíbrios sexuais, principalmente entre os escravos estrangeiros.

³¹ Estes índices não estão na tabela.

Quadro 10: Homens e Mulheres entre Africanos

1805												
	Crianca			Adulto			Idoso			Total		
Sexo	F	M	M	F	M	M	F	M	M	F	M	M
Escravidia	#	#	%	#	#	%	#	#	%	#	%	%
Grande	4	30	88.2	39	267	87.3	8	27	77.1	51	324	86.4
Média	4	16	80.0	31	162	83.9	5	33	86.8	40	211	84.1
Pequena	7	9	56.3	54	121	69.1	8	21	72.4	69	151	68.6
Total	15	55	78.6	124	550	81.6	21	81	79.4	160	686	81.1
1818												
	Crianca			Adulto			Idoso			Total		
Sexo	F	M	M	F	M	M	F	M	M	F	M	M
Escravidia	#	#	%	#	#	%	#	#	%	#	%	%
Grande	28	54	65.9	111	565	83.6	16	69	81.2	155	688	81.6
Média	7	26	78.8	43	229	84.2	4	27	87.1	54	282	83.9
Pequena	7	13	65.0	56	165	74.7	6	20	76.9	69	198	74.2
Total	42	93	68.9	210	959	82.0	26	116	81.7	278	1.168	80.8
1829												
	Crianca			Adulto			Idoso			Total		
Sexo	F	M	M	F	M	M	F	M	M	F	M	M
Escravidia	#	#	%	#	#	%	#	#	%	#	%	%
Grande	127	215	62.9	399	1289	76.4	28	105	78.9	554	1.609	74.4
Média	16	39	70.9	55	215	79.6	7	13	65.0	78	267	77.4
Pequena	13	22	62.9	56	134	70.5	8	11	57.9	77	167	68.4
Total	156	276	63.9	510	1638	76.3	43	129	75.0	709	2.043	74.2

F = Feminino M = Masculino M% = Percentual de Homens. Exclui casos de sexo e/ou idades ilegíveis.

Quadro 11: Homens e Mulheres entre Crioulos

Ano de 1805												
	Crianca			Adulto			Idoso			Total		
Sexo	F	M	M	F	M	M	F	M	M	F	M	M
Escravidia	#	#	%	#	#	%	#	#	%	#	%	%
Grande	78	79	50.3	82	97	54.2	9	15	62.5	169	191	53.1
Média	80	73	47.7	75	72	49.0	18	11	37.9	173	156	47.4
Pequena	70	79	53.0	117	83	41.5	12	10	45.5	199	172	46.4
Total	228	231	50.3	274	252	47.9	39	36	48.0	541	519	49.0
Ano de 1818												
	Crianca			Adulto			Idoso			Total		
Sexo	F	M	M	F	M	M	F	M	M	F	M	M
Escravidia	#	#	%	#	#	%	#	#	%	#	%	%
Grande	163	149	47.8	171	195	53.3	15	22	59.5	349	366	51.2
Média	86	66	43.4	79	125	61.3	9	17	65.4	174	208	54.5
Pequena	85	93	52.2	154	128	45.4	19	21	52.5	258	242	48.4
Total	334	308	48.0	404	448	52.6	43	60	58.3	781	816	51.1
Ano de 1829												
	Crianca			Adulto			Idoso			Total		
Sexo	F	M	M	F	M	M	F	M	M	F	M	M
Escravidia	#	#	%	#	#	%	#	#	%	#	%	%
Grande	195	179	47.9	116	112	49.1	6	26	81.3	317	317	50.0
Média	43	44	50.6	33	41	55.4	2	4	66.7	78	89	53.3
Pequena	51	57	52.8	55	55	50.0	0	7	100.0	106	119	52.9
Total	289	280	49.2	204	208	50.5	8	37	82.2	501	525	51.2

F = Feminino M = Masculino M% = Percentual de Homens. Exclui casos de sexo e/ou idades ilegíveis.

A par de todas as tendências, ressaltou-se que os cativos de pequenos senhores apresentavam os menores desequilíbrios sexuais entre os adultos. Juntos, pequenos e médios senhores tinham a maior parte das mulheres férteis da vila, em termos absolutos, até 1818 (quadro 12). Este fator, aliado ao menor desequilíbrio sexual nos pequenos plantéis talvez tenha favorecido um ambiente mais propício à reprodução natural, sobretudo por causa dos crioulos. As mulheres crioulas superaram os homens nas pequenas escravarias até 1818 e, mesmo entre os grandes senhores, majoravam em 1829 (quadro 11). No geral, as crioulas eram

maioria entre as mulheres escravas até 1818 (quadro 12), ao contrário do que sucedia entre os homens.

Os dados apresentados demonstram que a reprodução natural possível nas duas primeiras décadas repousou em grande parte sobre mulheres de pequenos e médios senhores, mas, fundamentalmente, crioulas em idade fértil³². Até 1820, o cativo que nascia seria basicamente filho de mãe crioula, mesmo que se agreguem às africanas as mulheres adultas de naturalidade desconhecida. A fase de mudança no perfil da naturalidade escrava entre os adultos influenciou mais a naturalidade dos homens, não tanto a das mulheres, que só sentiram decisivamente o impacto do tráfico em 1829. A partir de então, as potenciais mães eram africanas, provavelmente em índices maiores do que os demonstrados nos quadros 11 e 12. Em 1829, foi tão intenso o efeito do tráfico que as africanas não deixariam de ser maioria, mesmo agregando às crioulas as mulheres sem informação sobre naturalidade. Logo, na década de 1830, as mães eram predominantemente africanas.

Quadro 12 - Mulheres Africanas e Crioulas (entre 15 e 45 anos) por Escravidão

	Ano de 1805						
	Africanas		Crioulas		TNC	NI	TF
	#	%	#	%	#	#	#
Escravidão							
Grande	39	32.2	82	67.8	121	2	123
Médias	31	29.2	75	70.8	106	5	111
Pequenas	54	31.6	117	68.4	171	15	186
Total	124	31.2	274	68.8	398	22	420
	Ano de 1818						
	Africanas		Crioulas		TNC	NI	TF
	#	%	#	%	#	#	#
Escravidão							
Grande	111	39.4	171	60.6	282	50	332
Médias	43	35.2	79	64.8	122	18	140
Pequenas	56	26.7	154	73.3	210	58	268
Total	210	34.2	404	65.8	614	126	740
	Ano de 1829						
	Africanas		Crioulas		TNC	NI	TF
	#	%	#	%	#	#	#
Escravidão							
Grande	399	77.5	116	22.5	515	139	654
Médias	55	62.5	33	37.5	88	51	139
Pequenas	56	50.5	55	49.5	111	90	201
Total	510	71.4	204	28.6	714	280	994

TNC = Total com naturalidade conhecida TF = Total Feminino NI = Não informa % entre os de naturalidade conhecida.

As crioulas e as africanas só não seriam as maiores responsáveis pela reprodução natural, nos períodos em que predominaram, se uma naturalidade gerasse mais filhos do que a outra. Especialmente as africanas, se chegassem ao Brasil em idade tal que reduzisse seus anos férteis, mas a alta proporção de crianças africanas em 1829 indica o inverso. Para Porto Feliz, não é possível aferir a fecundidade³³ por naturalidade, porque quase não há menção à filiação nas listas nominativas. Pode ser que haja diferenças ocasionadas por fatores de ordem cultural, que se expressavam através do prolongamento entre as concepções e da abstinência sexual entre as africanas, mas não disponho de fontes, como registros de batismo ou inventários *post-mortem*, que aludem à filiação e que permitam suprir esta

³² Talvez tenha ocorrido o mesmo em Itu, onde as mulheres de naturalidade conhecida somavam 1.360, sendo 801 (58,9%) crioulas e 559 (41,1%) africanas; cf. Francisco Luna e Herbert Klein, *Escravos e senhores no Brasil no início do século XIX: São Paulo em 1829*, pp.55, 349-379.

³³ Fertilidade é o potencial reprodutivo das mulheres e fecundidade é o resultado obtido da fertilidade. José Alberto Carvalho. *Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia*. Belo Horizonte: ABEP, 1994, p. 23.

lacuna, infelizmente. Pesquisas indicam que as africanas, no Brasil, diminuíram o intervalo genésico e prolongavam a idade da última concepção.³⁴

O único tópico sobre fecundidade passível de análise é sobre o tamanho das unidades. Como se sabe, a tendência era a de a fecundidade ser maior nas grandes propriedades³⁵ e Porto Feliz não fugiu à regra, isto é, as unidades com menos de dez escravos sempre apresentaram a menor taxa de fecundidade, e as das médias escravarias se assemelhavam às das grandes (quadro 13). Porém, as taxas, que já eram baixas até 1818, definham ainda mais em 1829.

No entanto, até a fase de mudança, mais importante para a limitada reprodução natural foi a presença de crioulas nas médias e nas pequenas escravarias, que concentravam a maior parte dos escravos até 1815. A partir de 1829, a reprodução natural – insuficiente para as necessidades da lavoura canavieira – se baseou em mães africanas de grandes senhores.

Quadro 13 - Fecundidade por Escravaria (1805-1829)

Ano	1805			1818			1829		
	Mulher	Criança	Fecun	Mulher	Criança	Fecun	Mulher	Criança	Fecun
Escravaria	#	#	#	#	#	#	#	#	#
Grande	123	65	0,52	332	119	0,35	654	177	0,27
Média	111	62	0,55	140	62	0,44	139	39	0,28
Pequena	186	57	0,30	268	73	0,27	201	38	0,18
Total	420	184	0,43	740	254	0,34	994	254	0,25

Mulheres de 15 a 45 anos.

Crianças de 0 a 4 anos.

Fecun = Taxa de Fecundidade

³⁴ José Roberto Góes e Manolo Florentino. A paz das senzalas, pp. 133-139. Os estudos têm divergido sobre o assunto. Hebert Klein afirma que o tráfico atlântico concorreu para a baixa taxa de fertilidade entre a população cativa, isto é, além de minoritárias no tráfico, as mulheres, por serem predominantemente adultas, teriam seu potencial reprodutivo diminuído nas Américas, o que, associado a maiores espaçamentos entre as concepções, devido à amamentação prolongada, reduziria as taxas de fecundidade; cf. Herbert Klein. Economic aspects of the eighteenth-century Atlantic slave trade, pp. 306-307. José Góes e Manolo Florentino relativizam as afirmações de Klein. Segundo os autores, ainda que apenas 1/4 das cativas africanas chegasse ao Brasil antes dos 15 anos, cerca de 85% tinham idades variando entre 15 e 29 anos (metade das quais com 19 anos ou menos). As escravas desembarcadas no Brasil ainda eram portadoras da maior parte de “suas potencialidades genésicas”. Pariam pela primeira vez em torno dos 19 anos (idade no limite superior), isto é, seis anos antes que as mulheres inglesas dos séculos XVII e XVIII, sete antes das francesas do século XVIII, um ano antes da mulher livre colonial. Dito de outra maneira, seguindo o padrão africano, havia uma precocidade nas concepções entre as mulheres escravas no Brasil. No que diz respeito ao período de intervalação genésica, os autores argumentam que, ainda que a precocidade das concepções fosse relativamente contrabalançada pelos maiores espaçamentos (que estariam entre 2 e 3 anos e meio, limites mínimo e máximo, respectivamente, podendo chegar ao padrão africano, oscilante entre 3 e 4 anos), as cativas no Brasil tenderam a prolongar a idade da última concepção, se comparadas ao seu continente de origem. Na África, isto ocorreria por volta dos 31-33 anos, ao passo que, aqui, seria em torno dos 37 anos, na fase de estabilidade do tráfico, atingindo os 45 anos nos momentos de maiores desembarques. Portanto, mesmo aceitando a idéia de intervalos prolongados entre as concepções, a precocidade da primeira gravidez e o prolongamento da última apontam para a “urgência da procriação cativa”, tal a necessidade de fazer aliados e, assim, contribuir para o estabelecimento da “Paz das senzalas”. José Roberto Góes e Manolo Florentino. A paz das senzalas, pp. 133-139.

³⁵ Maurício Martins Alves. Formas de viver, pp. 188-189; Francisco Luna e Herbert Klein. Slavery and the economy of São Paulo, pp. 150-151.

Conclusão

Demonstrou-se aqui alterações na estrutura de posse e na demografia escrava na vila de Porto Feliz, derivadas do desenvolvimento da atividade açucareira, sobretudo no decorrer das três primeiras três décadas do século XIX. À predominância de pequenos e médios senhores, correspondia a predominância de uma população crioula majoritariamente reproduzida nestas escravarias, ao passo que à preponderância de grandes senhores que concentravam a propriedade escrava estruturou-se uma reprodução baseada em africanos importados, principalmente por estes escravistas. Destarte, sem a pretensão de ser um modelo, uma análise pontual, centrada em um município, pode elucidar aspectos mais amplos sobre estrutura de posse e demografia cativa.